

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 32

Data: *04.09.84*

Pg.: _____



Irritado, dizendo-se sofrido, o deputado Juruna ameaçou abandonar a política

Juruna explica dólares e avião e critica pataxós

Da Sucursal de Brasília

O deputado Mário Juruna (PDT-RJ) negou ontem, em entrevista coletiva, as acusações de haver cedido às ofertas de fazendeiros e seus representantes para deixar de defender os interesses dos índios em troca de presentes, favores e dinheiro. Confirmou, contudo, haver recebido três mil dólares do "comandante Carvalho", piloto e amigo do presidente da Funai, Jurandy Fonseca, para participar da reunião da ONU, em Genebra, sobre direitos das minorias.

"Falei com Carvalho para quebrar o galho; eu não tinha dinheiro, mas não é dinheiro de fazendeiro", afirmou, em tom indignado, acusando a imprensa de fazer intrigas e de dizer mentiras. Juruna disse ter visitado a área dos índios pataxós, na condição de parlamentar, "acompanhado de dois deputados, e não de fazendeiros". "Eu não sabia que o pessoal vinha atrás; só vi quando chegamos à reserva", assinalou, negando que sua viagem a Pau Brasil resultasse de alguma articulação com os proprietários de fazendas na área em disputa e de que houvesse sido pago.

Mesmo assim, reconheceu ter realizado a viagem à Bahia em avião fretado pelo sindicato patronal de Pau Brasil. Também reafirmou ser a reserva Caramuru-Paraguassu ocupada por uma maioria de caboclos e apenas meia dúzia de índios, e admitiu ter defendido os pataxós (enfrentando inclusive o risco de cassação do mandato) sem conhecê-los, só percebendo agora que os índios puros são poucos. Indagado sobre os indícios que o levaram a por em dúvida a indianidade da reserva, respondeu: "Índio não tem barba, nem bigode, nem cabelo no peito".

Mandato em jogo

Em novo acesso de irritação contra a imprensa, Juruna ameaçou até abandonar a política. "Eu estou pronto para largar essa (...), para deixar esse inferno", assinalou, ameaçando, porém, que "antes de retirar candidatura, eu vou pedir a governo federal para tirar licença de pataxó". Isso quer dizer que pretende pedir ao governo para não reconhecer a indianidade da reserva de Pau-Brasil.

"Não tem mais paciência. Já sofreu muito. Não está aqui porque gosta de Câmara, mas para cumprir

dever. Tem horário-limite, tem paciência-limite, não quer saber mais de encarar política o deputado" — desabafou.

Perguntado se desejava dizer que não tentaria a reeleição, respondeu: "Para sofrer, não." Em seguida, reagiu com raiva à indagação: "Vai deixar a Comissão do Índio? Isso é problema meu. Um dia você vai entender. Sou puro". Adiante, à pergunta quanto a sua participação no Colégio Eleitoral, respondeu prontamente: "Não pode decidir tanta coisa, não."

Comunistas

Embora ele próprio tivesse convocado a imprensa para a entrevista, alegando ser ontem o dia do seu aniversário, Juruna atacou os jornalistas com insistência. "Vocês é jornalista do padre. Existe o partido do comunista no padre, na imprensa, e vocês está fazendo campanha".

Na mesma medida em que insistia em acusar a imprensa, Juruna repetia sua condição de vítima. "Estou me sacrificando pela família, pela criança. Só sai mentira. Eu sou pobre, filho de índio, não fui fazendeiro, nem empresário. Já sofri muita pressão. Eu amigo particular do Carvalho. Eu não tenho poder para exigir nada. Quem quiser me dar carona eu aceito (respondendo à acusação de exigir e obter aviões dos fazendeiros para vir do Mato Grosso a Brasília)".

O deputado Juruna não resistiu a um novo acesso de raiva ao ser indagado sobre o emprego que sua mulher teria conseguido no gabinete do presidente da Câmara, Flávio Marcellio, depois de deixar a Funai.

"Estou (...) com essa fofoca. É fofoca de branco".

"Mas sua mulher ganhava da Funai, sem trabalhar" — rebateu uma jornalista.

"Não é direito? Se mulher foi convidada, é problema dela, da Funai" — explicou.

Juruna também fez questão de assinalar que não é só deputado do índio, mas do trabalhador, do brasileiro. No entanto, afirmou que, no caso da disputa de terras entre pataxós e fazendeiros, "quem tem que defender caboclo é o Incri", acrescentando que o cacique Saracura, líder do grupo indígena, foi criado em São Paulo.

Dropes

★ O clima em Pau Brasil (BA) ainda é de grande tensão. Apesar de ainda não ter havido nenhum incidente, os fazendeiros da região continuam pedindo apoio à população na luta pela conquista das terras que hoje estão ocupadas pelos índios pataxó há-hãe, que na semana passada repeliram a presença de Mário Juruna, fazendeiros e outros deputados.

★ Foi lançado ontem o primeiro comitê pró-Tancredo, em ato que reuniu 80 pessoas na sede do Diretório Distrital do PMDB, bairro das Perdizes, na capital paulista.